

MODA: COMPOSIÇÃO, INDICAÇÕES, POSOLOGIAS E CONTRAINDICAÇÕES

Resenha de: DAVID, Alison Matthews.

Fashion victims: the dangers of dress past and present, Londres, Nova Iorque: Bloomsbury Visual Arts, 2017, 220 páginas.

*Luz Neira García**

Fashion victims: the dangers of dress past and present, catalogado bibliograficamente pelos assuntos “roupas e vestimenta”, “aspectos da saúde”, “segurança do produto” e “substâncias perigosas”, surpreende o leitor. Ao apropriar-se da expressão cuja criação é atribuída ao estilista Oscar de la Renta¹ para designar pessoas que continuamente consomem novos estilos e roupas com desejo de ostentação – a vítima da moda -, a obra traz um olhar inovador sobre o fenômeno da moda ao afirmar que o sistema que nos incentiva ao consumo de roupas e adornos que nos distinguem, traz riscos inerentes. Os riscos físicos detalhados na obra, tanto podem decorrer do processo produtivo e afetar trabalhadores da indústria da moda, quanto do uso das roupas em função de seu design ou materiais, por exemplo.

* Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) e pesquisadora independente.

¹ Segundo Bjorn Schiermer, a expressão pode ter sido criada tanto por John Fairchild quanto por Oscar de la Renta. Na pesquisa da expressão, entretanto, o estilista é mencionado por mais estudos e, inclusive, teria sido atribuída a ele num primeiro momento pelo próprio Fairchild. Schiermer, Bjorn. ‘Fashion Victims: On the Individualizing and De-individualizing Powers of Fashion’ in: *Fashion Theory*, Vol. 14, n. 1, pp. 83-104.

A primeira edição² do livro, publicada em 2015 pela Bloomsbury Publishing, resulta de pesquisa realizada por Alison Matthews David, professora na Ryerson University, Canadá. O projeto gráfico é impecável, com o texto impresso em papel de altíssima qualidade, generosa tipografia e espaços livres. Repleto de imagens coloridas, referências a todos os acervos, documentos e obras consultadas, está claro que a pesquisa recebeu merecido tratamento de seus editores. Além de valorizar a investigação, o cuidado da edição indica não só o reconhecimento do objeto de estudo, mas também a valorização da moda que, na obra, está inserida na dinâmica social a partir de seu processo de produção, circulação e consumo. Esse é um livro que mostra que o estudo da moda vai além das roupas e costumes como assunto principal.

Em termos gerais, a obra estabelece relações entre a história das aparências e do progresso científico, proporcionando uma experiência de leitura única, uma vez que é séria e divertida ao mesmo tempo. O leitor também se aproxima do processo de pesquisa dos fatos históricos que, muitas vezes descrito, permite acompanhar como o uso das fontes primárias se transformou em uma profunda análise social e técnica da roupa e de seus processos produtivos. Sintetizando, a autora demonstra como ao mesmo tempo em que o consumo da moda se democratizou no século XIX em virtude da industrialização crescente, conceitos de saúde pública (como a implantação de políticas higienistas, de saneamento básico e inclusive de medicina do trabalho) puderam questionar os limites cada vez mais estreitos que a moda impõe. Essa conexão é feita por meio de casos de indivíduos que colocaram sua vida em risco para adequar-se aos ditames da moda.

A reflexão proposta por Alison Matthews David parte do pressuposto de que a roupa deve nos proteger, mas, frequentemente, falha em sua missão. Para estar na moda, afirma a autora, sacrifícios físicos não são raros e, de acordo com sua pesquisa, eles afetam não apenas os usuários das roupas, mas também as pessoas envolvidas na sua produção. A partir de exemplos do século XIX identificados em

² A primeira publicação é de 2015 em capa dura. A publicação atual, de 2017, é em capa flexível.

pesquisas na França, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos, a constatação de que o amplo acesso à moda promovido pelo progresso industrial trouxe problemas ao ambiente e aos indivíduos, mostra-se absolutamente contemporânea. Apesar do avanço do conhecimento científico e das legislações trabalhistas, a poluição de águas e solos ou a insalubridade dos ambientes de trabalho ainda fazem parte do dia-a-dia dos polos produtores da cadeia têxtil e vestuário.

A partir de categorias construídas pela autora com o objetivo de organizar a obra, os principais “vitimizadores” são tratados separadamente em diferentes capítulos. Fontes diversificadas, como exemplares de artefatos analisados em laboratórios, registros legais ou industriais, pesquisas químicas, publicidades e artigos em jornais, fotografias, entre outras, comprovam que o desejo de estar na moda – que é o eixo central de seu argumento –, pode ser perigoso e até mesmo fatal. Infecções provocadas pelas roupas, técnicas tóxicas de produção industrial, envenenamentos decorrentes do contato com produtos químicos ou com os artefatos, produção de tecidos com materiais inflamáveis, processos ou tratamentos explosivos, roupas e acessórios fisicamente não seguros ou perigosos entre outros, trouxeram e continuam trazendo riscos aos “seus produtores e usuários”. “Nosso desejo de moda”, argumenta Alison Matthews David, tem transformado em vítimas “terra, ar, água, a vida humana e animal” (p. 9).

No primeiro capítulo, a categoria analisada é a da roupa como habitat para parasitas que causam diferentes moléstias, especialmente dermatológicas, que também chegam a causar índices alarmantes de mortalidade. Do ponto de vista sanitário, o desconhecimento dos processos de contaminação e de contágio (inclusive provocado pelas roupas de médicos e enfermeiros) pela não associação da higiene à saúde, teria sido causador de muitas infecções e mortes.

A toxicidade e o envenenamento a partir de diferentes substâncias nocivas é assunto tratado a partir dos processos industriais que permitiram a produção em larga escala de itens da moda, assunto abordado nos segundo, terceiro e quarto capítulos. Tanto a produção de chapéus, quanto a de flores artificiais ou a pigmentação dos sapatos no período da pesquisa (século XIX e início do século XX) são temas explorados pela autora. Ao relacionar o adoecimento

precoce de trabalhadores das fábricas que produziam tais artefatos ao contato contínuo com doses mortais de substâncias malélicas como o mercúrio, arsênico, chumbo, crômio, nitrobenzeno e outros componentes químicos, os interesses da indústria e das “vítimas da moda” mostraram-se mais relevantes do que os do meio ambiente e dos operários.

Os riscos também abrangeram o uso das roupas, como é demonstrado no capítulo quinto. O sentido de segurança dos produtos parece ter sido totalmente negligenciado, quando se verificaram casos de enforcamento ou de quedas, por exemplo, causados por problemas de design ou de mau uso. Os usuários de roupas e adornos, assim como os operários, também estiveram sujeitos a alto risco de inflamabilidade ou explosividade detalhados no capítulo sexto e sétimo, devido à moda do uso de alguns materiais têxteis ou substâncias que melhoravam suas características. Para atender aos padrões vigentes, fibras ou insumos têxteis desenvolvidos para a substituição de matérias primas naturais ou, ainda, para a alteração de suas propriedades físicas originais, fizeram a Revolução Industrial ser nomeada como a *Terceira Idade do Fogo* pelo historiador Stephen J. Pyne³ segundo Alison Matthews David. Tecidos que protegiam do frio colocaram em risco seus usuários quando próximos ao calor, despertando a necessidade de se estabelecer padrões mínimos de segurança nas fábricas e nos ambientes.

Esses são apenas alguns dos aspectos apresentados no livro que, embora desenvolvido a partir de exemplos distantes no tempo e, também, geograficamente da realidade brasileira, mostram-se atuais e com alcance global. A partir da identificação de evidências de danos à saúde associados à moda no século XIX, a pesquisa é colocada em contínuo diálogo com dilemas contemporâneos que preocupam todos os mercados de moda. É desde essa perspectiva que podemos nos perguntar: qual a razão de, havendo riscos conhecidos, histórias semelhantes ainda se repetirem? Seria possível afirmar que não há privilegiados, pois, para a autora, os malefícios provocados pela moda

3 O historiador norteamericano tem diversas obras publicadas sobre história ambiental e com ênfase na história do fogo.

atingem ricos e pobres uma vez que afetam tanto os consumidores quanto os trabalhadores das indústrias têxteis e de roupas em geral.

A mercantilização da moda, explica Alison Matthews David, faz o cruzamento de fronteiras entre pobres e ricos ou entre produtores e consumidores por meio das ameaças inerentes aos processos produtivos e ao consumo de mercadorias.

Para oferecer uma grande quantidade de itens desejados, sistemas capitalistas não medem esforços para produzi-los em maior quantidade, com menor custo e com a maior velocidade possível, com o objetivo final de obter cada vez mais lucro. Essa lógica, ao ampliar-se e estabelecer-se praticamente de modo universal, exigiu o desenvolvimento de ações que garantam a qualidade de produtos e processos no que diz respeito à segurança dos indivíduos e dos ambientes. Por essa razão, em alguns mercados, o atendimento aos sistemas de certificação de qualidade tem se tornado compulsório para a comercialização de produtos, o que obriga as indústrias ao cumprimento de padrões de segurança internacionais. Assim, o compromisso das empresas com a segurança, tem sido um requisito cada vez mais valorizado internacionalmente. Alguns exemplos extremamente atuais podem ser mencionados: o banimento do trabalho escravo ou infantil, a certificação de origem de determinadas matérias primas, a gestão dos efluentes nas indústrias, a proibição de alguns componentes químicos nos processos, o desenvolvimento de tabelas de medidas, a obrigatoriedade das informações de cuidado, conservação e uso das roupas entre outros.

Assim, o tipo de reflexão proposta pela autora demonstra que o conhecimento de processos históricos é imprescindível para a compreensão do momento presente e também do planejamento de ações futuras. Por essa razão, a leitura da obra é indicada para acompanhar o desenvolvimento dos produtos em moda, que deve ser visto como um ato de grande responsabilidade. O assunto da pesquisa não é um problema do passado, pois a moda, como fenômeno social que se atualiza constantemente, faz com que algumas passagens mencionadas no livro continuem a tomar parte de nosso cotidiano. O livro, assim, não trata “do passado”, mas do presente e mais ainda do futuro.

Um dos pontos-chaves identificados como justificativa para a permanência dessas questões é a ideia de que o padrão de beleza

construído socialmente é o ponto de partida para a massificação dos produtos, o que, por sua vez, dá origem aos riscos. O processo de produção dos itens desejados pode conter perigos iminentes que somente são conhecidos a posteriori ou, ainda, o uso dos produtos pode ser inseguro, mas o reconhecimento de sua falha projetual só ocorre depois de muitas evidências. A título de exemplo, se pode afirmar que uma exigência social na atualidade como o uso de saltos extremamente altos, não é menos cruel do que a necessidade do uso de espartilhos para se chegar às proporções femininas ideais foi há alguns séculos.

Também seria muito interessante notar que a oposição a algumas modas reconhecidamente nocivas, se desenvolve para preservar determinados grupos sociais na passagem do século XIX para o XX. A “cromofobia”, como explica a autora, tratou-se da adoção de paletas baixas (cores claras e tons naturais) – ou cores “seguras” – pelas mulheres das classes sociais mais altas para não aderir às cores tóxicas que se tornaram acessíveis⁴. Subtende-se, portanto, que mulheres pobres continuaram vulneráveis. Na atualidade, consumidores mais ricos também podem ter acesso a procedimentos estéticos mais seguros ou até mesmo a matérias primas menos nocivas ao ambiente ou à saúde pessoal. Não raras vezes temos notícias de uso de produtos inadequados em procedimentos estéticos, como é o caso do uso de alguns tipos de preenchimento cutâneo (vulgarmente chamados de silicone) divulgados pela mídia. Esse ponto é extremamente importante na medida em que revela que eventualmente a demanda por determinada aparência, faz com que as indústrias ofereçam produtos não plenamente seguros, sobretudo quanto destinados ao consumo popular. Brinquedos, adornos, calçados ou roupas, além de cosméticos e tratamentos estéticos (bronzamento, preenchimento, alisamento, cirurgia plástica, depilação etc.), são oferecidos ao consumo com algum grau de risco conhecido.

4 Segundo explica a autora, como para obter as cores vibrantes da moda era necessário usar componentes químicos tóxicos, mulheres mais ricas passaram a usar tons naturais (paletas baixas) para imitar o não tingimento. Em teoria, garantiam sua segurança pois, desde 1885 – mas principalmente na primeira década do século XX -, cientistas afirmavam que os processos químicos e os corantes poderiam ser tóxicos.

Por fim, a justificativa de que determinados materiais ou procedimentos perigosos eram necessários para preservar a natureza, é um argumento utilizado para que se assumam riscos na indústria desde o século XIX. Os casos citados pela autora, como o uso do celuloide para substituir chifres de elefante ou cascos de tartaruga para a produção de adornos de cabeça, justificava os riscos, ao invés de simplesmente banir o valor desse tipo de adorno ou material. Atualmente, produtos que imitam matérias naturais muitas vezes também são falsamente sustentáveis e nota-se que, ao invés de reverter o desejo por determinadas materialidades, estimulam seu consumo.

A conclusão à qual se chega a partir da leitura da obra *Fashion victims: the dangers of dress past and present*, é de que a partir de sua democratização, a moda torna-se um fenômeno com impacto em distintos campos, conectando a história da beleza, da indústria e da saúde. O livro tem a qualidade de ponderar todos esses elementos, sem culpar o fenômeno da moda por suas extravagâncias ou sem dirigir à indústria toda a responsabilidade. A pesquisa nos leva a questionar se o atendimento a determinados padrões de beleza que, afinal, são socialmente definidos, devem necessariamente implicar em riscos. Além disso, abre portas para a discussão sobre a emergência de se pensar a moda do ponto de vista das ciências exatas, para que se discutam seus impactos efetivos na saúde humana e ambiental.

Pessoalmente, considero que a obra contribui para a reflexão no desenvolvimento de projetos em moda, no sentido de se aprofundar a discussão sobre a qualidade dos produtos como uma exigência mandatória em qualquer perfil de consumo. Assim como a autora defende, “como pesquisadora de moda e professora, eu [Alison Matthews David] desejo que meus estudantes reflitam sobre como suas próprias habilidades, conhecimento e criatividade podem afetar a mudança do ambiental e social, criando um mundo maravilhoso para todos nós” (p. 211).

Já se sabe tanto pelo que é apontado pela autora quanto pelo que é inúmeras vezes notícia nos jornais, que a segurança e a saúde dos trabalhadores muitas vezes são colocadas em segundo plano diante dos interesses econômicos envolvidos em todo o processo industrial. Menos se discute, contudo, que a segurança dos produtos

ou processos deve ser atendida em qualquer perfil de consumo. Se atentos a esse fato, designers e consumidores poderão tomar o produto como um artefato que melhore a qualidade de vida humana e de todo o seu sistema. Não existem vidas humanas que sejam mais ou menos valiosas, por isso trabalhadores e consumidores devem igualmente ser privilegiados pelo projeto dos produtos.

RECEBIDA EM: 01/03/2017
APROVADA EM: 10/07/2017